

FALANDO SOBRE SEXO E SEXUALIDADE: EXERCÍCIO PRÁTICO EM UM AMBIENTE ESCOLAR

2013

Charlisson Mendes Gonçalves

Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais

Marleide Marques de Castro

Mestre em Psicologia pela UFMG e Docente do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais

E-mail do/a autor:

charlissonpsi@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho é referente a um relato de uma experiência prática de um graduando em psicologia, inserido dentro do projeto de extensão que tem por título: Falando sobre sexo e sexualidade. A prática foi realizada em uma Escola Estadual localizada no interior de Minas Gerais. O objetivo do trabalho foi propiciar aos adolescentes informações, conscientização, esclarecimento e reflexões acerca da afetividade e sexualidade. A metodologia deste projeto de extensão baseou-se nas oficinas de dinâmica de grupo, onde foram realizados oito encontros com periodicidade semanal, de uma hora e meia de duração cada. O grupo foi formado por uma média de dez adolescentes, estudantes das últimas séries do ensino fundamental. Tornou-se possível constatar que existe ainda um grande tabu entre os adolescentes na hora de falar sobre sexo e sexualidade. A maioria não tem orientação dos pais e sentem vergonha de esclarecer suas dúvidas na sala de aula. O trabalho da apresentação da sexualidade em apoio com a psicologia social pode ser de grande valia, para esclarecer questões dos adolescentes sobre o assunto, incentivá-los a ter diálogos tanto com os pais, com seus educadores, com profissionais de saúde e para auxiliá-los na vivência do próprio desejo.

Palavras-chave: Psicologia social, sexualidade, orientação sexual, educação sexual.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se refere à experiência do aluno do curso de psicologia no contexto social e se insere em uma proposta de um projeto de extensão, cujo tema é: “Falando sobre sexo



e sexualidade”. Na escolha do local onde ocorreria a prática foi-se escolhido uma Escola Estadual de uma cidade do interior de Minas Gerais.

O objetivo do trabalho foi fornecer aos adolescentes informações, conscientização, esclarecimento e reflexões acerca da afetividade e sexualidade. Diferenciando o ato sexual de todo o amplo contexto que envolve a sexualidade.

A sexualidade é assunto freqüentemente vivenciado e debatido por estudantes e educadores nas escolas, se não formalmente, em programas de instrução sexual ou em apresentações de ciências ou biologia, informalmente, nas conversas e relacionamentos entre alunos no dia-a-dia da escola e nas reuniões pedagógicas dos docentes. No processo de transição entre a infância e a adolescência, há uma mudança no organismo humano, incluindo o desdobramento dos órgãos secundários do sexo, dando assim surgimento aos fatores que propiciam a reprodução. Neste período, normalmente surge o interesse sexual e afetivo, porém, com todas estas mudanças, podem surgir conflitos, insegurança, timidez, instabilidade e angústia.

Com todo este processo de transformação, é importante a tarefa educativa inicial por parte dos pais, transmitindo conhecimento para os filhos sobre a conduta sexual. Para isso, é preciso que os eles tenham conhecimento sobre o tema e transmitam para o filho a confiança e o respeito do diálogo entre eles. Desta forma, este artigo teve por objetivo secundário demonstrar que a sexualidade precisa ser mais bem abordada dentro das famílias e conjuntamente dentro das escolas, propiciando um lugar onde os alunos possam aprender e tirar suas dúvidas sobre diversos assuntos ligados nesta área.

REFERENCIAL TEÓRICO

Todos os seres humanos estão desde o início de sua vida, mergulhados em um processo de educação sexual, mesmo que não saibam. A forma como isso acontece é informal e possibilita ao indivíduo tomar para si uma série de símbolos, valores, preconceitos e ideologias. A partir disso cada indivíduo vai construindo uma visão particular sobre a sexualidade (SUPLICY *et al.*, 2000).

Conforme Meira (2010), os pais possuem a maior influência na forma como os filhos lidam com a sua sexualidade, e muitas vezes eles se omitem e não sabem conduzir as dúvidas dos filhos, deixando uma grande lacuna nas questões que se relacionam com a educação sexual. Essas dúvidas podem se agravar nos adolescentes com a ausência da escola, que não se propõe a incluir a sexualidade em seu processo de educação, fazendo com que as dúvidas desses sujeitos não sejam esclarecidas em ambientes ‘educativos’.

Segundo Suplicy et al (2000), além do papel familiar quanto à Orientação Sexual, o estado também tem que ter como objetivo informar e orientar a sociedade a respeito das questões que envolvem a sexualidade, assim como deve também possibilitar o acesso aos métodos de contracepção. As escolas públicas, envolvendo todo o currículo juntamente com os professores que a compõem, necessitam viabilizar o acesso dos alunos a uma orientação sexual sadia. Os



postos de saúde, por sua vez, não podem esquecer a sua responsabilidade e devem promover grupos onde se possa discutir mais sobre a toda a temática que envolve o sexo e a sexualidade.

Atualmente a sexualidade consta como tema transversal para a educação segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (ALTMANN, 2001), pois no momento onde não há mais espaços educativos para se discutir a questão da sexualidade, os adolescentes aprendem sujeito às incertezas do acaso, recebendo fortes influências de uma mídia que comercializa o sexo, de revistas e da própria internet, que atuam aqui como fortes formadores de opinião (MEIRA, 2010).

A educação sexual nas escolas do Brasil, por muito tempo revelou a forma deprimente como esses assuntos eram deixados de lado por negligência e até mesmo omissão. A sexualidade atualmente desfruta um período de progresso, por já ser visto como tema transversal para a educação sexual (ALTMANN, 2001). Deve-se levar em conta ainda que este processo, que envolve toda a questão do acontecer da sexualidade humana no indivíduo, convoca os educadores para uma nova postura, promovendo ações que permitam uma maior discussão e análise da sexualidade. Se torna de vital importância o desenvolvimento de uma educação básica sobre a sexualidade no período escolar, facilitando aos sujeitos envolvidos nesse processo um maior número de informação que leve em conta fatores psicológicos, sociais, biológicos e culturais (LOPES, 1993).

Quando Frade *et al.* (1996) falam sobre a educação sexual, afirmam que existe um consenso sobre a necessidade de abordar a educação sexual, mas existem divergências com relação ao momento certo de realizar a execução dos programas. Por trás dessas divergências que geram um adiamento contínuo, existe um medo em particular: o de que a educação não promova uma maturação sexual no jovem, mas que coopere para encaminhá-lo prematuramente na atividade sexual. Outro ponto importante para destacar é a falta de preparação dos educadores e professores para tratar da sexualidade, e de programas apropriadamente organizados. O despreparo por parte dos educadores é enfatizado também por Lopes (1993), quando o mesmo propõe a educação sexual não como uma disciplina curricular, mas que a escola seja um local onde a sexualidade possa ser discutida de forma apropriada. Afirma ainda que as propostas devem vir dos alunos, e não dos diretores.

Para complicar ainda mais a educação sexual, as instâncias sociais (escola, mídia, igreja, lei) desenvolvem, rotineiramente, pedagogias da sexualidade. Onde se aprende uma linguagem que é aceita em termos sociais, onde é ensinado o que pode ser dito e o que deve ser mantido em silêncio, o que pode ser mostrado e o que se deve esconder, quem fala e quem se cala. Influenciando diretamente nessas concepções estão as marcas de gênero, classe e raça (LOURO, 2007). O processo de educação deve ir além de uma simples apropriação da forma como a sociedade funciona. O ato de educar deve tornar o sujeito capaz de ter uma prática ativa, onde o mesmo se torne consciente da necessidade do compromisso social e não de uma simples conformação



(BRUNS *et al.*, 1994). A ‘educação pelo movimento’ deve possibilitar ao homem um posicionamento de agente em um mundo em transformação.

O profissional de saúde quando inserido dentro da educação sexual devem estar preparados para lidar com todo tipo de questionamentos possíveis. É fundamental ainda que esse profissional tenha em mente o que constitui um processo de educação (LOPES, 1993).

Segundo Suplicy *et al.* (2000), a educação sexual analisada como algo que insira o contato do sujeito com os pais, o processo de socialização e a influência da mídia e grupos sociais, é um processo de vida, e afirma ainda que esse processo só termina com a morte. É imprescindível salientar a respeito da responsabilidade de seguir uma prática sexual protegida, ao invés de apenas tentar modificar o comportamento que mostra o adolescente em uma condição de risco, por meio de medidas disciplinares.

De acordo com Suplicy *et al.* (2000), a escola tem a função de transmitir para os alunos uma visão positiva da sexualidade e das responsabilidades advindas desta. A Orientação Sexual na escola dará aos alunos, através de debates e de transmissão correta de informações, oportunidades de repensarem seus valores sociais e pessoais, partilhando suas preocupações e emoções. Este espaço de discussão em grupo com os alunos, acompanhado por um adulto esclarecido, ajudará a elaborar as ansiedades relacionadas à sexualidade, bem como as angústias decorrentes de conflitos entre as pressões externas e as demandas internas. Ao discutirem o tema, os alunos passam a lidar de forma madura com a sexualidade, conscientizando-se dos seus temores, encontrando respostas às suas indagações e tendo maior tranquilidade em todo o processo de transformação da adolescência.

Para que o tema da sexualidade seja abordado de forma funcional, deve estar definido claramente os objetivos da educação sexual, crescer o número de informações que se encontram ao alcance sobre sexualidade, preparar um programa e treinar professores e educadores para uma escuta real, e a capacidade de motivar a participação de todos os envolvidos no debate (Frade *et al.*, 1996).

Nesse ponto se torna importante salientar sobre as diferentes nomeações utilizadas até aqui, sendo: *educação sexual* e *orientação sexual*. Por mais que se busque uma terminologia única que fale sobre os projetos que envolvem a sexualidade, existem divergências em relação ao termo ideal. O objetivo desse estudo não é se estender por essas diferenciações de terminologia, mas espera-se que o conhecimento desses termos abra espaço para um real entendimento e reflexão acerca das diferentes formas de se trabalhar com esse tema.

CARACTERIZANDO O PROJETO DE EXTENSÃO

Trata-se de um projeto de orientação afetivo-sexual, realizado através do curso de psicologia de uma Instituição de Ensino Superior do interior de Minas Gerais, junto a



adolescentes estudantes das últimas séries do ensino fundamental de escolas públicas do Vale do Aço.

O trabalho teve como objetivo discutir com adolescentes questões de seus interesses sobre sexualidade; incentivar o respeito à diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando sob as formas de atração sexual, o direito à expressão, garantindo a dignidade do ser humano; propiciar ao adolescente conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual; ajudar o adolescente a identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes e analisando criticamente os estereótipos; ajudar o adolescente a identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro; contribuir para que o adolescente consiga identificar suas responsabilidades e a de seu (a) companheiro (a) com decisão da primeira relação sexual (e das demais); ajudar o adolescente reconhecer as consequências enfrentadas com uma gravidez não desejada, bem como conhecer a eficácia dos métodos contraceptivos e a necessidade do sexo seguro; e promover educação acerca de doenças sexualmente transmissíveis.

Este projeto tem ainda o objetivo de propiciar ao estudante de psicologia o contato com mais um campo de atuação do psicólogo, desenvolvendo atividades de planejamento e execução das oficinas de dinâmica de grupo, proporcionando aprendizado prático e discussão teórica sobre o método utilizado e sobre a sexualidade humana. O projeto também possui relevância social na medida em que atende adolescentes de escolas públicas em cidades do interior de Minas Gerais, que puderam se beneficiar com as informações e debates trazidos pela orientação sexual.

METODOLOGIA

Além do referencial teórico, a metodologia deste projeto de extensão baseou-se nas oficinas de dinâmica de grupo, onde foram realizados encontros semanais de uma hora e meia de duração, somando um total de oito encontros com cada grupo. O grupo foi formado por uma média de dez alunos e coordenado por uma dupla de alunos extensionistas. O planejamento de cada encontro foi executado de forma flexível, ou seja, os facilitadores se prepararam para a ação a partir de um planejamento global prévio, onde se antecipou sobre temas e estratégias, entretanto, ficaram atentos e respeitaram os temas levantados pelo grupo no desenrolar de cada encontro. Havia ainda duas horas de supervisão semanal com uma docente da Instituição de ensino, nas quais se discutia sobre o encontro anterior e o planejamento para o seguinte.

No primeiro encontro foi usada uma dinâmica para possibilitar um conhecimento mútuo dos participantes do grupo. Após esse momento foi-se definidas as palavras sexo e sexualidade juntamente com os adolescentes. Foi pedido aos adolescentes para anotarem suas dúvidas em um papel. Por fim, foi feito um contrato verbal com a periodicidade dos encontros, duração, sigilo e respeito ao próximo.

No segundo encontro aborda-se o assunto de maior curiosidade apontado pelos adolescentes, a masturbação. Explicou os mitos e verdades que envolvem essa prática, e isso foi motivo de muitas dúvidas e muito debate. No final foi feita uma reflexão final.

No terceiro encontro falou-se sobre a primeira relação sexual. Cada adolescente escreveu em um papel como imaginava a primeira relação. Houve um debate sobre os medos e receios, sobre a ‘hora certa’, sobre as diferenças de como os meninos e as meninas enxergam sobre a primeira relação.

No quarto encontro o tema era DST’s e AIDS. Foi realizada uma dinâmica, depois se discutiu sobre os mitos e as verdades que envolvem as DST’s e AIDS. No final são mostrados vídeos sobre o preconceito e sobre a importância do uso de preservativos.

No quinto encontro uma enfermeira que dirigiu o grupo e explicou sobre a cirurgia de ligadura e vasectomia. Ressaltou sobre a diferença dos aparelhos reprodutores masculinos e femininos, e por fim teve uma aula prática sobre como colocar preservativos (em órgãos genitais de plástico).

No sexto encontro, aborda-se sobre o tema da gravidez na adolescência. E como os adolescentes devem se cuidar e pensar nas consequências dos atos. Faz-se uma série de reflexões sobre o tema e muitas dinâmicas.

No sétimo encontro fala sobre os preconceitos envolvidos na sexualidade. Preconceitos com homossexuais, preconceito com mulheres consideradas ‘safadas, rodadas’. Passam-se trechos do filme: ‘As melhores coisas do mundo’.

No oitavo e último encontro, é passado um vídeo onde uma sexóloga aborda sobre a repressão sexual existente no contexto brasileiro. No final é feita uma dinâmica onde todos os adolescentes puderam falar sobre o que aprenderam durante os encontros.

A interlocução com os profissionais da escola e com o grupo de supervisão foi de grande valia para o bom funcionamento do trabalho. Pensar e discutir sobre os aspectos psicológicos envolvidos nos processos de educação sexual vivenciados pelos alunos, ajudou muito a formulação de estratégias de ação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pode-se constatar que existe ainda um grande tabu, entre os adolescentes na hora de falar sobre sexualidade. A maioria não tem orientação dos pais e sentem vergonha de esclarecer suas dúvidas na sala de aula. A falta de orientação pode acarretar em graves problemas futuros, tanto no que tange à decepção da primeira vez (e das outras), quanto no contágio de doenças ou gravidez precoce por falta de prevenção. Nota-se que o grupo surge como ferramenta muito eficaz, pois a partir das dificuldades apontadas pelos adolescentes de controlar o próprio desejo



(ex.: sexo sem camisinha), as discussões ajudavam a fazer com que esse desejo fosse controlado pelo próprio grupo.

Os adolescentes apontaram que muitas das suas dificuldades não se encontravam unicamente na falta de informação ou na informação em demasia, mas na vivência do próprio desejo, na falta de limite. O grupo surgiu então como uma espécie de força de contenção para que eles lidem de forma mais eficaz com seu desejo.

A necessidade de que as escolas públicas viabilizem o acesso dos alunos a uma orientação sexual sadia, conforme afirmado por Suplicy *et al.* (2000) se confirma neste trabalho. Tem sido cada vez mais emergente a necessidade de promover grupos onde se possa discutir melhor sobre toda a temática que envolve a sexualidade e o ato sexual. Percebeu-se que os adolescentes querem um lugar onde possam se expressar sobre sua sexualidade e serem acolhidos.

Os adolescentes aprenderem sobre sexualidade através do acaso (MEIRA, 2010) é uma situação com a qual temos convivido naturalmente. Influenciados pela mídia e buscando cada vez mais a educação virtual, os adolescentes aprendem sobre sexualidade através de chats, mídia e internet, onde se imprime uma ideia de erotismo com a ausência do corpo (PORTO, 1999). Esses assuntos devem ser abordados, para que a educação sexual não seja feita de forma leviana, mas que a educação sexual promova indivíduos sexualmente saudáveis e conscientes.

Através do estudo observou-se que o sexo e a sexualidade sendo assuntos tão fundantes na vida dos sujeitos ainda têm sido negligenciados, deixados de lado ou mal abordados. A nova postura por parte dos educadores tem sido evocada em todo o momento para a promoção de ações onde se desenvolva uma educação sexual básica eficaz no período escolar. Uma educação que não visa apenas o que é biológico, mas também os fatores psicológicos, sociais e culturais (LOPES, 1993).

Quanto ao projeto de extensão aplicado na escola, pode-se notar uma grande vontade de participação dos alunos, e uma grande importância para que os alunos possam tirar dúvidas, se inteirar de assuntos, que em casa não conseguem fazer com os pais, e na escola sentem vergonha por conta do bullying dos amigos. A sexualidade faz sentido na vida dos adolescentes por nortear muitas de suas vivências.

Em toda essa participação efetiva por parte dos alunos, podemos lembrar o que afirmou Lopes (1993) quando considera que as propostas sobre a educação sexual devem vir dos próprios alunos e não dos diretores. Concentrar a atenção nas reais questões apresentadas pelos alunos fez com que o processo acontecesse de forma muito mais eficaz. Ter um planejamento prévio é muito importante, mas deixar que ele seja moldado de acordo com a demanda que surge no grupo é imprescindível.

Tornou-se possível ainda a ajudar os adolescentes a identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, voltando-se para as questões impostas pelas instâncias sociais (escola, mídia, igreja, lei) e promovendo reflexão sobre até que ponto o que é aceito em termos sociais deve ser levado em conta em detrimento do desenvolvimento pleno da minha



sexualidade sadia (LOURO, 2007). A prática da psicologia entra com a sua contribuição possibilitando uma postura ética diante da moral imposta, auxiliando os sujeitos a pensarem sobre si mesmos.

O processo de educação proposto por Bruns *et al.* (1994), onde o sujeito se torna capaz de desempenhar uma prática ativa através da educação se torna muito interessante aqui, pois possibilita se pensar em um ensino da sexualidade onde o sujeito consiga assumir um posicionamento de agente em um mundo em transformação. Se for essa educação que pode fazer diferença através da transformação, então é com esse tipo de educação que se tem que atuar.

O psicólogo que se insere nas práticas de educação, deve, como profissional que atua na promoção da saúde, se apropriar de ferramentas que viabilizem um maior entendimento do processo de educação como um todo, para que enquanto agente no processo da educação sexual, não esteja desqualificado para execução de sua função (LOPES, 1993).

A educação sexual como visto por Suplicy *et al.* (2000), é um processo de vida que só termina com a morte, e deve ser analisada em um processo que compreenda o contato do sujeito com os pais, o processo de socialização e a influência da mídia e grupos sociais. Dentro desse processo, os profissionais que se proponham a trabalhar com a educação sexual devem entrar para refletir e discutir sobre o que foi aprendido e sobre o que não foi aprendido.

Por meio do trabalho ainda, confirmou-se a necessidade de desenvolver melhor os objetivos específicos da educação sexual, ampliar as possibilidades de informações sobre sexualidade, preparar professores e educadores para uma escuta real, e para incentivar a participação de todos os envolvidos no processo de educação sexual (Frade *et al.*, 1996).

Através deste projeto se descobriu a necessidade de propiciar aos participantes informações, conscientização, esclarecimento e reflexões sobre sexo e sexualidade. O trabalho de apresentação destes temas junto com a psicologia social se mostrou de grande valia para esclarecer ideias dos jovens sobre o assunto, incentivá-los a ter diálogos tanto com os pais como com os professores e para auxiliá-los na forma como vivenciam o próprio desejo.

CONCLUSÃO

Levando em conta o estudo realizado, pode se sinalizar a oportunidade de uma proposta de desenvolvimento de artigos que destrinchem mais sobre a prática profissional dos educadores e psicólogos em situações onde os temas propostos sejam o sexo e a sexualidade. Geralmente nas escolas se torna inviável fazer um trabalho individual, mas estão contidos nela sujeitos mergulhados em suas questões mais profundas, e dentre essas está inserida a sexualidade.

A importância de desenvolver estudos que dissertem melhor sobre a vivência do desejo por parte dos adolescentes, e a importância do grupo nesse processo se mostra de grande importância. Interessante ainda pode ser avaliar melhor os aspectos psicológicos que envolvem a sexualidade



dos adolescentes, podendo se desenvolver estudos específicos sobre esses aspectos e se pensando em maneiras de se lidar com eles quando emergirem. A atuação dos profissionais de saúde em conjunto com os educadores e professores seria outra possibilidade de pesquisa.

Os extensionistas de psicologia e docentes que fazem parte da equipe que desenvolve as atividades nas Escolas Estaduais, conseguindo fazer um trabalho de conscientização e educação sexual, podem proporcionar aos alunos uma maior possibilidade de se trabalhar com sua sexualidade e com o ato sexual em si de forma mais consciente e eficaz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRADE, Alice; MARQUES, António Manuel; Alverca, Célia. Educação sexual na escola: guia para professores, formadores e educadores. Lisboa: Textonovo, 1996.

LOPES, Gerson. Sexualidade humana. 2. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1993.

BRUHNS, Heloisa T. Conversando sobre o corpo. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1994.

LOURO, Guacira Lopes (Org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SUPLICY, Marta; EGYPTO, Antônio Carlos; Castelo Branco, Cordélia de Souza et al. Sexo se aprende na escola. São Paulo: Olho D' Água, 2000.

MEIRA, Luis B. Sexos: aquilo que os pais não falaram para os filhos. 58. ed. João Pessoa: Autor Associado, 2010.

PORTO, Sérgio. Sexo, afeto e era tecnologica: um estudo de chats na Internet. Brasília: Ed. UnB, c1999.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v.2, n.9, p. 575-585, jul./dez. 2001.